

Restaurações posteriores em resina composta



Por:
Ronaldo Hirata

A dentística restauradora e o fascínio pela chamada Odontologia Estética hoje, basicamente gira em torno de controle de forma anatômica e cor. Sim, também conhecimento científico, é claro, mas deduz-se que este conhecimento seja premissa para as atividades restauradoras.

Nos preocupamos tanto e por tanto tempo com detalhes técnicos e acabamos por esquecer que, em estética, buscamos acima de tudo a reprodução de um dente natural. Tentamos "copiar" a natureza. Devemos refletir neste momento se, estamos realmente nos aproximando da forma e cor de dentes naturais? Acredito que não.

Em dentes posteriores, algumas características são essenciais e estão presentes nos dentes naturais, e nós os enxergamos todo dia. Enxergamos realmente? A observação de um dente deve ser feita de forma concentrada, e nem sempre olhar quer dizer enxergar. Tempo de treinamento nem sempre será sinônimo de melhoria técnica.

A forma dos dentes posteriores, principalmente em face oclusal, são bastante peculiares e facilmente caímos no erro de excesso de artificialidade por formas geométricas e simétricas demais; pensa-se demais em sulcos principais e secundários mas pouco em lóbulos anatômicos, peca-se também por excesso de virtuosismo. Uma anatomia mais suave, ligeiramente irregular, com perímetros de cúspide corretos podem levar a resultados mais agradáveis (Fig. 1, 2 e 3).

A cor em dentes posteriores se comporta de forma diferente em comparação aos anteriores; a própria incidência de luz, sem a qual não existe o fenômeno cor, ocorre de forma diferenciada. Comumente encontramos erros de cor em resinas posteriores, por estarem monocromáticas demais, ou com aspecto esbranquiçado. Estes erros são por inadequação de materiais com



Figura 1: Reconstrução oclusal em resina composta realizada.



Figura 2: Dente 26, caso inicial de troca de restauração.



Figura 3: Dente 26, caso final com uma anatomia e caracterização suave.



Figura 4: Dente 16, cavidade preparada.



Figura 5: Iniciando a restauração com resinas de maior croma e valor.



Figura 6: Utilização de resinas com maior transparência e alta translucidez e corantes necessários.



Figura 7: Caso finalizado.

relação à opacidade e translucidez. Sabe-se que, para restaurações convencionais, erros de matiz e croma não fazem tanta diferença, como por exemplo, trocar A2 por B2, A3 por A3,5 não vai resultar em tanta alteração visual quanto falhar em espessura e tipo de resina quanto ao comportamento óptico. São erros, portanto, de valor (Fig. 4, 5, 6 e 7).

Em geral somos preguiçosos, e isto é natural. Nos desculpamos pelos erros e nos escondemos atrás da falta de habilidade manual, quando, em verdade, temos estudado pouco aquilo que tentamos reproduzir, os dentes naturais. Poucos destes erros se referem a falta de habilidade, mas parece se relacionar com falta de conhecimento do que se quer atingir, o que se quer reproduzir e como, e o conhecimento será o diferencial. Mas, são apenas pontos de vista, podem ser discutidos.

Visto por este ângulo, alguns ajustes são necessários em nossa prática clínica de restaurações posteriores. Vários anos de treinamento somente podem não significar qualidade profissional, mas uma reciclagem e constante reflexão sobre nossas técnicas, sim, poderá ser fundamental.

Email: rhirata@cwb.conex.com.br